

Panorama

Um mapa de oportunidades para as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste

Potenciais identificados no Mapa em 2023, como uma nova fábrica de celulose e a transformação de uma biorrefinaria, começam a sair do papel. Conheça 16 iniciativas que podem alavancar o desenvolvimento dessa parte do Rio Grande do Sul.

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

1. FABRICAÇÃO DE CELULOSE E PLANTANDO DE EUCALIPTO



O item foi identificado no Mapa Econômico do RS de 2023 e agora volta com iniciativas concretas. Uma nova fábrica de celulose da CMPC, em Barra do Ribeiro, será o maior investimento privado já feito no Rio Grande do Sul, com aporte de R\$ 24 bilhões. A produção de celulose branqueada da multinacional, por sua vez, vai demandar aumento da área plantada de eucalipto na região. A silvicultura também garante fornecimento de produtos de madeira, especialmente pellets, e de resinas. A partir da atualização dos critérios para licenciamento de novas áreas para o plantio de eucalipto, pinus e acácia negra no Rio Grande do Sul, o setor espera atrair até R\$ 3 bilhões em investimentos, com aumento de pelo menos 50% do plantio.

2. DO PETRÓLEO AOS BIOCOMBUSTÍVEIS



O projeto de transformação da Refinaria Riograndense em uma biorrefinaria, em Rio Grande, tende a transformar a economia local em direção a um viés mais limpo em relação à produção de combustíveis. Produtos como óleo de soja, sebo de gado, óleo de cozinha residual e até o plantio de canola tornam-se opções ao petróleo. Já em Minas do Leão, no Centro-Sul, a produção a partir de resíduos sólidos passará a gerar biogás para abastecer todos os setores da economia, inclusive os caminhões que transportam o lixo. Há ainda a perspectiva de desenvolvimento de alternativas à produção carbonífera em Candiota, resultando em metanol, hoje considerado elemento fundamental aos biocombustíveis e, por isso, importado. Outra nova oportunidade está na Bacia de Pelotas, na costa, com o avanço do projeto para a extração de petróleo no mar.

4. ENERGIA LIMPA COM SOL E BIOMASSA



O caminho da transição energética do Rio Grande do Sul passa, necessariamente, pelas regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste, apontadas como mais propícias para geração fotovoltaica e a partir de biomassa. Ainda não respondem por 5% da energia gerada no Estado, mas despontam como potenciais investimentos fundamentais para o futuro. Em Minas do Leão e Candiota, há geração de energia a partir de resíduos sólidos urbanos, e outro caminho para obtenção de biomassa tem sido as cascas de arroz, com projetos milionários em Itaqui e Uruguaiiana. Na área da energia solar, há projetos de grande porte em execução em Candiota e Camaquã. Entre Barra do Quaraí, Dom Pedrito e Uruguaiiana estão algumas das maiores usinas fotovoltaicas gaúchas.

6. FERTILIZANTES



Rio Grande concentra seis plantas industriais de produção e distribuição de fertilizantes, um polo que promete estar no alvo de futuros investimentos em tecnologia e pesquisa para que o agro avance em relação à adaptação e resiliência, com maior eficiência na área de plantio, em meio a mudanças climáticas. E isso envolverá o impacto da própria indústria de fertilizantes, que hoje garante a maior parte da movimentação de importações do Porto de Rio Grande. Há possibilidade de que este polo avance em direção a Candiota e Lavras do Sul, onde existem projetos com carvão e fosfato para a geração de matéria-prima a estes produtos.

7. USINAS A GÁS NATURAL E SOLUÇÕES PARA O CARVÃO



A transição energética está em debate, e o setor de geração de energia termelétrica a partir de combustíveis fósseis, mesmo apontado como responsável pela maior parte das emissões de gases do efeito estufa na região, está mobilizado para aumentar seu tempo de produção e investir em modernização dos métodos, reduzindo o impacto ambiental da produção. São os casos das duas usinas a carvão ativas em Candiota. Em Uruguaiiana, há uma usina movida a gás natural, e um projeto a ser executado em Charqueadas. O projeto de usina a gás do Grupo Cobra, em Rio Grande, ainda não é considerado descartado.

3. ENERGIA EÓLICA



O maior potencial eólico do Estado está entre as regiões Sul e Fronteira Oeste. Neste ponto do Estado, mais de 60% da energia eólica já instalada concentra-se entre Santana do Livramento, Santa Vitória do Palmar, Chuí e Rio Grande. Entre os novos projetos para mais de 80 parques eólicos, 21 municípios dessas regiões esperam receber iniciativas. Há ainda 20 projetos de parques eólicos offshore (no mar) em estudos ao longo da costa do Litoral Sul.

5. HIDROGÊNIO VERDE



Apontado como a grande aposta do Rio Grande do Sul na transição energética, a produção de hidrogênio verde ainda depende da concretização dos maiores projetos de geração de energia eólica no território gaúcho e em alto mar, porque depende de fontes de energia 100% limpas. Há 14 memorandos assinados por empresas interessadas junto ao governo estadual e, em Rio Grande, junto ao porto, há expectativa de que, já neste ano, seja possível avançar com pelo menos um projeto de planta-piloto.

8. PRODUÇÃO CIMENTEIRA PARA ATENDER AO AVANÇO DA CONSTRUÇÃO



A produção a partir do carvão em Candiota mobiliza o setor cimenteiro gaúcho. Neste ano, o município recebeu o anúncio da segunda planta de produção de cimento usando as cinzas do carvão, e há perspectivas de uma terceira planta. O setor de construção civil, especialmente no momento de reconstrução do Rio Grande do Sul, está em fase de aquecimento, e há crescimento na demanda.

9. PRODUÇÃO SIDERÚRGICA MAIS LIMPA



A Gerdau concentra em Charqueadas a sua produção de aços direcionados à indústria automobilística cada vez mais limpa, exigindo aços mais leves e nobres. Toda a produção é proveniente de reciclagem de sucatas, que colocam a indústria gaúcha na vanguarda da produção sustentável, com um padrão de emissões 10 vezes menor do que a média mundial. A empresa responde por 100% das exportações de Charqueadas. A Gerdau finalizou, em 2023, aporte de R\$ 250 milhões na modernização da planta. Há expectativa de que inicie o processo inédito de desmonte de plataformas da Petrobras no Estaleiro do Porto de Rio Grande, para uso como sucata pela Gerdau.

